

A MUDANÇA QUE É POSSIVEL NA VIDA

Alocução do eminente escritor escocês

HENRY DRUMMOND

Traduzido da 12.^{ma} edição inglesa

POR

M. G.

The Project Gutenberg eBook of A mudança que é possível na vida

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: A mudança que é possível na vida

Author: Henry Drummond

Release date: March 23, 2020 [eBook #61665]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Júlio Reis, Leonor Silva and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net>

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A MUDANÇA QUE É POSSIVEL NA VIDA ***

A MUDANÇA QUE É POSSIVEL NA VIDA

TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
LISBOA

EDITOR: HODDER AND STOUGHTON

A MUDANÇA QUE É POSSIVEL NA VIDA

**Alocução do eminente escritor escocês
HENRY DRUMMOND**

Traduzido da 12.ma edição inglesa

POR
M. G.

*“Assim nós todos,
reflectindo como um espelho
a gloria do Senhor,
somos transformados na mesma Imagem,
de claridade em claridade,
como pelo Espirito do Senhor.”*

PREFÁCIO

No outono passado encontrou o autor numa livraria da California um livrinho com o seu nome no frontispicio—livro que êle não sabia que existia, que não escrevera, nem adornara com o titulo que o encimava. Não repele porêem essa erradía publicação, extraída de apontamentos de uma alocução sua que alguém lhe ouviu e antes lhe parece ter já feito algum bem; mas devido ás imperfeições que lhe encontrou, julgou acertado fazer dela uma edição mais completa. O tema, como os outros que o precedem nesta série de alocuções, representa sómente um aspecto do vasto assunto—aquêle que é aplicável ao homem. O claro-escuro é, naturalmente, adequado a esta concepção. E pedimos á benévola atenção do leitor para se manter dentro dêstes limites, afim de não estranhar o ficarem no escuro alguns pontos que a teologia, sempre, e por direita razão, nos ensinou a fazer sobresaír.

Uma simples prédica, que um amigo nosso dirigiu a alguns modestos habitantes duma região montanhosa, que costumamos frequentar, foi que primeiramente chamou a nossa atenção para o lado prático desta solução do problema mais importante que existe na tentativa da vida cristã.

O que se segue, é em grande parte devido á manhã daquêle Domingo.

A mudança que é possível na vida

«Digo alto e bom som, que se houvesse algum grande Poder, que conseguisse fazer-me pensar sempre o que é verdadeiro, e fazer o que é direito, com a condição de eu me tornar numa espécie de relógio a que se desse corda todas as manhãs, aceitaria imediatamente êsse oferecimento»

São de Huxley estas palavras. A infinita aspiração e a infinita dificuldade de se ser bom é um assunto tão antigo como a própria humanidade. Não ha ninguém de cujo sentir íntimo não tenha brotado esta confissão, e que não estivesse pronto a dar a sua vida, se lhe fosse possível «aceitar o oferecimento» de se tornar melhor.

Vou eu propôr fazer-vos êsse oferecimento. Muito a sério, sem vos tornardes numa espécie de relógio, podeis vir a consegui-lo; pois debaixo das condições devidas é tão natural ao caráter tornar-se belo, como o é á flôr. E se não houver nêste mundo mecanismo algum que o realize, é porque ficou esquecida a dadiva suprêma, que o mundo poderia receber. Foi para isto simplesmente que o homem foi criado. Browning diz: «o homem foi feito para progredir, e não para parar» Ou nas palavras dum livro mais antigo: *«Aquelle a quem Elle primeiro conheceo, tambem predestinou para ser conformado com a Imagem de Seu Filho.»*

Começarei nomeando e em parte regeitando alguns processos que se costumam empregar para obter vida mais elevada.

Estes processos estão longe de serem errados, e aplicados devidamente, podem mesmo ter bastante valor; e se nos aventuramos a deprecià-los, é por não produzirem um resultado absolutamente perfeito.

O primeiro método imperfeito é contar-se com a própria Resolução. Só na fôrça de vontade, e em periodos isolados de recolhimento espiritual, não é que está a salvação. O esforço, a luta, mesmo a agonia, teem o seu logar no Cristianismo, mas são aqui descabidos. Aconteceu no outro dia ficar parado no meio do Oceano o «Etruria» a bordo do qual eu viajava: tinha-se desarranjado qualquer coisa nas máquinas. Havia a bordo uns quinhentos homens válidos; julgais que se nos reunissemos todos e nos puzessemos a empurrar o mastro, impeliríamos o navio para diante? Quando qualquer de nós tenta santificar-se pelo próprio esforço, é o mesmo que procurar fazer andar o seu navio, empurrando o mastro com toda a fôrça. Seria como se alguém, que estivesse prestes a submergir-se, diligenciasse erguer-se para fóra da agua, agarrando pelos próprios cabelos. Jesus Cristo como que ridicularizou êste meio, dizendo: *«qual de vós pode acrescentar um covado sequer á sua estatura?»* A única redenção que ha no método de confiar no próprio esforço é que, os que o tentam, ficam para logo convencidos de que por esse modo nunca chegarão a atingir o seu alvo.

Mas ha quem tente outra experiência e diga: «não é êste o meio de que eu uso. Trabalho debaixo dum princípio, por ver que é loucura combater nas trevas. O meu plano não é desperdiçar a energia em tentativas de acaso, mas tão sómente concentrà-la na destruição dum único pecado. Tomando cada pecado por sua vez, e destruindo-o com tenacidade, espero chegar por fim a extirpà-los a todos.» Contra isto ha infelizmente quatro objecções. A primeira é que a vida é curta, e o número dos pecados infinito. Depois occuparmo-nos de pecados isolados, é não querermos prescrutar o resto da nossa natureza. Em terceiro logar, o combate com um único pecado não afecta a raiz e a origem do mal; pois se fôr obstruído apenas um dos canais do pecado, aponta-nos a experiência uma inundação quasi certa por outro lado. A conversão parcial é quasi sempre acompanhada dum certo escoamento moral, porque a energia acumulada acaba por rebentar; e êste último estado da alma pode ser pior do que o primeiro. E depois a religião não consiste em fazer deter êste ou aquêlê pecado; o carácter perfeito nunca poderá ser obtido por meio de *córtés*.

Ha também quem proclame: «Se assim é, não tentarei aniquilar os pecados um por um, praticarei exactamente o contrário: copiarei as virtudes uma por uma.» A dificuldade dêste método consiste em êle poder tornar-se mecânico; distingue-se sempre uma gravura duma pintura, uma flôr artificial duma flôr natural. Copiar as virtudes uma por uma é aproximadamente o mesmo que arrancar os vícios um por um; e o resultado é quasi sempre um carácter agitado e incongruente. Definiu alguém a pessoa vaidosa e ensoberbecida por «uma criatura que está nutrida demais para o seu tamanho». Encontram-se ás vezes Cristãos desta ordem—por um lado nutridos demais, e por o outro, miseravelmente definhados e enfraquecidos. Por exemplo, o resultado de se copiar Humildade e associá-la a uma vida de teor acentuadamente mundano, é simplesmente ridículo. Um exaltado advogado da Temperança é muitas vezes a mais ínfima das criaturas, brilhando unicamente por essa virtude e esquecendo-se totalmente de que a sua Temperança o torna pior e não melhor do que os outros. Isto são exemplos de belas virtudes, deturpadas por as associarem a vis companheiros. O carácter é uma unidade, e todas as virtudes teem de caminhar juntas para poderem formar o homem perfeito. E não obstante é êste método de santificação verdadeiro no fim a que aspira, no que é deficiente é na maneira de o executar.

Ha ainda um quarto método, que nem mesmo seria preciso nomear, pois é uma variante dos outros já mencionados. É aquêle de que se serve o adolescente, e a sua pureza de intenção faz-nos considerar quasi como uma profanação o ir tocar-lhe. É manter um livro de apontamentos para todos os dias da semana, com uma lista de virtudes, deixando entre elas espaço para se fazerem quaisquer observações. Provido de muitas regras austéras, em guisa de prefácio, conserva-se o livrinho em lugar secreto, e de tempos a tempos, ao declinar do dia, vem a alma comparecer perante êle, como perante um tribunal secreto. Este viver por um código foi o método de Franklin; e creio que milhares de pessoas nos poderiam confessar que conservam penduradas no seu quarto, ou guardadas em gavetas bem seguras as regras que num dia memorável traçaram, para por elas modelarem a sua vida. Este método não é erróneo, o seu êxito é que é muito deficiente; falha geralmente por

uma razão bem material—por um belo dia nos esquecermos das regras.

Todos êstes métodos de que fiz menção, o de confiar no próprio esforço, o de mortificar o próprio ser, o método de imitação e o do livro de apontamentos, são absolutamente humanos, absolutamente naturais, mas também absolutamente ignorantes e por isso mesmo absolutamente inadequados. Mas não quero dizer com isto que se devam abandonar. O mal que êles causam é antes desviar a atenção do verdadeiro método eficaz, e procurar obter um bom resultado á custa daquêle que é realmente perfeito e de passamos a tratar.

A fórmula da Santificação

Fórmula, receita, para a Santificação—poder-se ha falar a sério desta mudança formidável, como se o processo fosse tão claro e preciso como o de produzir uma certa e determinada corrente de electricidade? É impossivel duvidà-lo. Ou ha de uma experiência mecânica ter infalivelmente bom êxito, e ser de êxito duvidoso uma experiência vital da humanidade? Ha de o trigo crescer debaixo de método, e o carácter ao acaso? Se não pudermos calcular com segurança que as fôrças da religião hão de fazer a sua obra, é que a religião é um capricho; e se não pudermos exprimir por meio de palavras a lei destas fôrças, então não é o Cristianismo a religião do mundo, mas sim o seu enigma.

Mas onde se ha de ir buscar essa fórmula? Onde se vai buscar qualquer fórmula—aos tratados. Se nos voltarmos para os tratados do Cristianismo, acharêmos para êste problema uma fórmula tão clara e precisa, como as que se aplicam às sciências mecânicas; e podemos ter a certeza de que, se esta regra fôr seguida corajosamente, dará o resultado dum carácter perfeito, exactamente como qualquer resultado, que fôr garantido pelas leis da natureza. A mais bella expressão desta regra na Escritura, ou ainda em qualquer literatura, é a que S. Paulo nos dá, condensada num único verso. Encontrà-la heis numa epístola sua—a segunda aos Coríntios, escrita por êle a alguns Cristãos que, numa cidade, que era considerada como o cúmulo da depravação e licenciosidade, procuravam vida mais elevada. É esta: *«Nós todos, com a face descoberta, reflectindo como um espelho a gloria do Senhor, somos transformados na mesma Imagem, de claridade em claridade, como pelo Espírito do Senhor.»*

Observai logo no começo o desmoronamento de todos os nossos esforços prévios pelo emprêgo do simples passivo *somos transformados*. Somos transformados, não somos nós que nos transformamos, nem ha ninguem que se possa transformar a si

mesmo. Por todo o Novo Testamento achareis que sempre que são descritas estas transformações morais e espirituais estão os verbos na passiva. Devemos observar que ha nisto um alcance profundo; mas a pesar disso não punhamos violentamente de parte estas palavras, como se a passividade negasse todo o esforço humano, ou não quizesse admitir leis que são compreensíveis. O que aqui diz respeito á alma, não é mais do que aquilo que em toda a parte se exige para o corpo. Em fisiologia estão na passiva os verbos que descrevem os processos do crescimento; porque o crescimento não é voluntário: tem logar, sucede, está fixo á matéria. Dá-se o mesmo aqui. «*Tendes de ser gerados de novo,*» não podemos gerar-nos a nós mesmos. «*Não sejais conformados com este mundo, mas sede transformados,*»—somos sujeitos a uma influência que nos transforma, não somos nós que nos transformamos. É tão certo haver uma coisa fóra do termómetro, que produz a mudança no termómetro, como haver alguma coisa fóra da alma do homem que produz a mudança que nêle se opéra. É fóra de duvida que êle tem de ser suscetível a essa mudança e que tem de a acompanhar, mas é igualmente certo, que nem as suas faculdades, nem a sua vontade, a podem produzir. Evidente como isto deveria parecer, talvez que para muitos seja uma revelação inesperada! A mudança, que nos temos esforçado por alcançar, não a podemos produzir continuando a procurà-la; tem de nos ser imposta por mãos superiores ás nossas. Assim como o ramo se ergue, como o botão se entreabre, como o fruto se avermelha sob as influências do ar que de fóra os bafeja, assim o homem se ergue a mais elevada estatura pelas pressões invisíveis que lhe veem do exterior. O defeito radical de todos os nossos anteriores métodos de santificação foi o tentarmos gerar da parte de dentro aquilo que só nos pode ser impôsto por influências vindas de fóra. Segundo a primeira lei do movimento: cada corpo continúa no seu estado de repouso ou de movimento em linha recta, excepto quando é compelido por «fôrças determinantes» a mudar êsse estado. Esta é tambem a primeira lei do Cristianismo: cada carácter humano fica como é, ou continúa na direcção em que está indo, até que é compelido por «fôrças determinantes» a mudar êsse estado. O nosso êrro tem sido collocarmo-nos no logar dessas fôrças. Ha o

barro, e ha o Oleiro; o que nós temos procurado é que o barro seja moldado pelo próprio barro.

Donde veem então essas pressões, e onde está êsse Oleiro? A resposta da fórmula é: «*somos mudados reflectindo como um espelho a gloria do Senhor.*» Mas não é muito claro. O que é a «glória» do Senhor? E como póde o homem mortal reflecti-la; como pode êsse acto como uma «fôrça determinante» amoldà-lo a uma fôrma mais elevada? A palavra «glória»—a palavra que tem de suportar o pêso de manter essas «fôrças determinantes»—é estranha em linguagem comum, e o nosso primeiro dever será procurar em linguagem figurada uma que lhe seja equivalente. Traz-nos primeiro á lembrança um resplandecer, um irradiar, um deslumbrar, uma como que auréola que os antigos mestres gostavam de pintar em volta das cabeças dos seus *Ecce-Homos*! Mas isso é pintura, simbolo visível duma coisa invisível. Qual é a coisa invisível? É de todas as coisas invisíveis, a mais radiante, a mais formosa, a mais divina—é o caráter. Na terra, no Céu, não ha nada tão grande, tão glorioso! Tem muitas significações; em ética porêem só pode ter uma: a «glória» é nem mais nem menos do que o caráter. A terra está «*cheia da gloria do Senhor*» porque está cheia do seu caráter. A «*Belleza*» do Senhor é o caráter. A «*Effulgência da Sua Gloria*» é o caráter. A «*Gloria do Unigenito*» é o caráter, o caráter «*cheio de graça e de verdade*». E quando Deus disse ao Seu povo o Seu Nome, deu-lhe simplesmente o Seu caráter, que era Ele Próprio: «*E o Senhor proclamou o Nome do Senhor ... o Senhor, o Senhor Deus, cheio de misericordia e de graça, pacientissimo e abundantissimo em bondade e verdade.*» Não é pois a Glória uma coisa intangível, espectral, transcendente! Se o fosse, como poderia S. Paulo pedir aos homens que a reflectissem? Despojada do seu enfaixamento fisico, é Beleza, Beleza moral e espiritual, Beleza infinitamente real, infinitamente exaltada, infinitamente próxima, e infinitamente comunicável!

Depois desta explicação lêde de novo em parafrase as palavras de S. Paulo: «Nós todos, reflectindo como um espelho o caráter de Cristo, somos transformados na mesma Imagem, de caráter em caráter»—isto é, dum pobre caráter, para outro melhor; desse

melhor, para outro melhor ainda; e desse outro, para outro ainda mais completo; até que lentamente acabamos por atingir a Imagem Perfeita. Aqui a solução do problema da santificação fica concentrada numa única frase: reflecti o carácter de Cristo, e tornar-vos heis semelhantes a Cristo.

Todos os homens são como espelhos—é esta a primeira lei sobre que se baseia esta fórmula. Uma das mais apropriadas descrições do ser humano é, que êle é como um espelho. Ao sentarmo-nos á noite á nossa mesa, o mundo em que cada um de nós viveu e se moveu durante o dia, foi focado para o nosso aposento. O que nós vimos a olharmos uns para os outros, não foi êsses outros, mas o mundo dêles. Houve uma combinação de espelhos. As scenas que vimos, foram todas reproduzidas: as pessoas que encontrámos iam e vinham, falavam, saudávam-nos, passavam para diante, faziam tudo como na vida real. Quando falávamos, estávamos a olhar para o nosso próprio espelho, e a descrever o que por êle ia passando; quando escutávamos, não estávamos a ouvir, mas a vêr—a olhar para o espelho do nosso semelhante. Toda a convivência humana é uma série de coisas reflectidas. Por exemplo, encontro um estranho numa carruagem de caminho de ferro. A acentuação da sua primeira palavra diz-me logo que é inglês e que vem de Yorkshire; sem o saber, reflectiu o lugar em que nasceu, quem foram os seus pais, e a longa história da sua raça. Mesmo fisiologicamente é um espelho. Depois de trocarmos algumas palavras, fico sabendo que é politico; e a ligeira inflexão com que pronuncia o nome do jornal *The Times* revêla-me o seu partido. Nalgumas observações que faz logo a seguir, vejo reflectirem-se um sem número de coisas por que êle tem passado. Os livros que tem lido, as pessoas com quem tem convivido, as influências que o teem dominado e feito dêle o homem que é, tudo isso foi registrado por uma penna que nada deixa passar, e cuja escrita não póde ser apagada. O que eu leio nêle, está êle entretanto a ler em mim; e antes de terminada a nossa viagem poderíamos reciprocamente escrever metade da história de cada um de nós. Ou que nos agrade ou não, a verdade é que vivemos em casas de vidro, o espírito, a memória e a alma, são simplesmente vastas câmaras forradas de espelhos; e desta

milagrosa combinação e faculdade é que depende a capacidade de as almas mortais «*reflectirem o carácter do Senhor.*»

Mas ainda não fica por aqui. Se todos êstes variados reflexos da nossa chamada vida interna se patenteiam assim ao mundo, quão íntima será a escrita, quão completa a anotação a dentro da própria alma! Porque as influências que encontrámos, não são apenas por um momento mantidas na superfície polida do espelho e arremessadas de novo para o espaço; não; cada uma delas é retida onde primeiro caíu, e guardada na alma para sempre.

Esta lei da Assimilação é a segunda e de todas a mais solene verdade que serve de base á fórmula da santificação—a verdade que os homens não são apenas espelhos, mas que, longe de serem simples reflectores das coisas fugitivas que veem, transferem para a sua própria substância íntima e *manteem permanentemente* as coisas que reflectem. Ninguém sabe como a alma as póde manter, ninguém sabe como o milagre é feito, nem ha fenómeno da natureza, processo de química, ou capitolo de necromancia que nos possam sequer ajudar a compreender esta assombrosa operação. Porque, atentai bem, o passado não está sómente focado na alma do homem, *ficou* lá. E como poderia ser dali reflectido se lá não estivesse? Todas as coisas que êle viu, soube, sentiu, creu, do mundo que o cercava, estão agora dentro dêle, tornaram-se parte dêle, e em parte são êle—que foi transformado nessa mesma imagem. Embora o queira negar, embora isso o penalize, tem de admitir que todas essas coisas lá ficaram; não, aderindo a êle, mas transfundindo-se nêle, que por si, não póde nem alterà-las, nem repeli-las, pois não estão na sua memória,—estão nêle. A sua alma é como elas a encheram, a fizeram e a deixaram. São essas coisas, êsses livros, êsses acontecimentos e essas influências que o fazem a êle; e delas dependem a vida e a morte, a beleza e a deformidade. Quando a imagem duma delas se apresenta á alma, não ha nada no mundo que possa impedir duas coisas—uma, o ela ser absorvida pela alma; a outra, o ficar para sempre reflectida no carácter, que perpétuamente reenviará êsse reflexo.

Sobre êstes assombrosos e não obstante perfeitamente claros factos psicológicos, é que S. Paulo baseia a sua doutrina da

santificação. Reconhece que o carácter é uma coisa que se construe lentamente, e que, de hora para hora, póde mudar ou para melhor, ou para pior, conforme as imagens que nêle se reflectirem. Mais um passo, e a aplicação destas ideias ao problema capital da religião surgirá diante de nós em toda a sua plenitude.

A alquimía da Influência

Se os acontecimentos mudam os homens, muito mais o farão os seus próprios semelhantes. Não ha pessoa alguma que encontrando outra na rua, lhe não cause alguma impressão. Dizemos que trocamos palavras quando nos encontramos; o que nós trocamos são almas. E quando a convivência é muito íntima e frequente, tão completa é esta troca, que traços bem reconhecíveis duma alma começam a aparecer na outra, que do seu lado também sente, que outro tanto deve á sua congénere. Quem não tem presenciado a misteriosa aproximação de duas almas? Quem não tem observado um velho par, que, de mãos dadas, veio pela vida abaixo fazendo a sua peregrinação, tão satisfeitos, tão mutuamente confiantes, que os seus próprios róstos se assemelhavam? Não eram duas almas, mas uma alma compósita. A qualquer dos dois que se falasse, ter-se ia empregado as mesmas palavras; qualquer dos dois que respondesse, diria aproximadamente o mesmo. O reflectir constante de meio século tinha-os tornado assim: ficaram uma e a mesma imagem. É pela lei da Influência que nos *tornamos semelhantes àquêles que admiramos*; os dois velhos conjuges assemelharam-se por se terem admirado constantemente. Esta lei mantêm-se na literatura, na história e na biografia. Havia em Jonathan traços de David, e em David traços de Jonathan. Jean Valjean, na obra prima de Victor Hugo, é o Bispo Bienvenu resurgindo dos mortos. A metempsicose é um facto. O que Jorge Eliot quiz dizer ao mundo foi que os homens e as mulheres produzem outros homens e outras mulheres. Nem significa outra coisa a familia, que é o berço da humanidade. A própria sociedade não é mais do que um ponto onde convergem estas fôrças onnipotentes para realizarem a sua obra. É, em resumo, sobre a doutrina da Influência, que é construida toda a vasta pirâmide da humanidade.

Mas estava reservado a S. Paulo fazer a aplicação suprema desta lei. Foi arrojada a ilação que êle teve que fazer, mas não era espírito que hesitasse; êle próprio era um ente transformado, e sabia perfeitamente o que nêle tinha operado essa transformação—Jesus Cristo. Encontráram-se um dia na estrada de Damasco, e desde aquela hora foi a sua vida absorvida pela de Cristo. O efeito não podia deixar de dar-se—nas palavras, nas acções, na carreira e na crença. As «fôrças determinantes» fizeram a sua obra vital: tornaram-no como Aquêle que êle tinha amado constantemente. *«Assim nós todos, escreve êle, reflectindo como um espelho a gloria de Cristo, somos transformados na mesma Imagem.»*

Não podia haver nada mais simples, mais inteligível, mais natural, e ao mesmo tempo mais sobrenatural. É uma analogia dum facto de todos os dias. Visto sermos o que somos pelo contacto daquêles que nos rodeiam, quem se rodeiar dos entes mais elevados, tornar-se ha mais elevado tambem. Ha homens e mulheres em cuja companhia nos sentimos melhor do que noutra qualquer; e enquanto estamos junto dêsses entes, nem temos pensamentos baixos, nem dizemos coisas mesquinhas: só a sua presença nos eleva, nos purifica, nos santifica. Todos os melhores registros da nossa natureza são pela sua convivência postos em acção, e resôam dentro da alma uma música que nunca lá havíamos ouvido. Suponde que essa influência se prolongaria um mês, um ano, a vida inteira, o que se não tornaria a vida então? Ha aqui sobre a comum superfície da vida, falando a nossa lingua, andando pelas nossas ruas, trabalhando ao nosso lado, verdadeiros santificadores de almas; ha aqui o Céu a penetrar pelo mísero barro terreno; e ha energias, que embora usando de simples meios temporais, estão repletas da virtude da regeneração! Se o viver com criaturas humanas, que só possuem diluída no milionéssimo grau a virtude do Altissimo nos póde elevar e purificar, que limites poderão ser postos á influência de Cristo? Viver com Sócrates—com a face descoberta—havia de nos fazer sábios; com Aristides, havia de nos fazer justos; com S. Francisco de Assis, mansos; e com Savonarola, fortes; mas ter vivido com Cristo, havia de nos ter feito como Cristo—isto é—Cristãos.

E na realidade viver com Cristo produziu êsse efeito. Produziu-o no caso de S. Paulo; e durante a vida de Cristo foi esta experiência demonstrada duma fôrma ainda mais evidente. Alguns homens rudes, sem amenidade alguma de espírito, foram admitidos no circulo íntimo dos Seus amigos. A mudança principiou imediatamente, quasi que podemos ver como os primeiros discípulos progridem dia a dia. Primeiramente alastra-se por sobre êles uma sombra tenuissima do caráter de Cristo. Depois, começam de longe em longe, a dizerem ou a fazerem coisas que não teriam dito nem feito, se ali não vivessem. Vai-se tornando nêles cada vez mais profundo o encanto da vida de Cristo. Toda a sua indole vai pouco a pouco sendo submetida, dulcificada, santificada: as suas maneiras embrandecem, as suas palavras adóçam-se, o seu proceder torna-se mais generoso. Como andorinhas que encontram o verão, como botões de flôr enregelados que a primavera vivifica, expande-se em vida mais ampla a sua humanidade sequiosa! Sem saberem como, tornam-se diferentes e acabam por se achar, nos gestos e nas acções, semelhantes ao seu Mestre. Não pôdem compreender como isso foi; ninguém lhes disse para o fazerem, fizeram-no êles instinctivamente. Mas aquêles que os observam, sabem donde isso lhes veio, e murmuram em segrêdo—«estiveram com Jesus». Já se nota nêles o cunho e o aspecto do caráter do seu Mestre—«estiveram com Jesus». Fenómeno sem igual que êstes pobres pescadores fizessem lembrar Jesus Cristo! Estupenda vitória e mistério da regeneração que homens mortais façam lembrar ao mundo—*Deus!*

Quasi que nos enternece a maneira como os Seus contemporâneos e especialmente S. João falam da influência de Cristo. S. João vivia numa perpétua admiração: estava subjugado, assombrado, extasiado, transfigurado! Segundo o seu espírito era impossivel que alguém que estivesse debaixo desta influência voltasse a ser o que era. «*Todo aquelle que permanecer junto d'Elle, não pecca.*» Era-lhe inconcebível o pecar, tão inconcebível como manter-se o gelo debaixo do sol ardente, ou coexistir a escuridão com a luz do meio-dia. Se alguém pecasse, era para S. João a prova de que nunca havia encontrado a Cristo. «*Todo aquelle que peccar não o vio nem O conheceo.*» Na presença de Cristo o

pecado intimidáva-se, secávam-se-lhe as raízes, desapareciam para sempre o seu domínio e vitória.

Mas êstes eram contemporâneos de Cristo; era-lhes facil serem influenciados por Ele, pois estavam todos os dias e todo o dia juntos. Porem nós, como é que havemos de reflectir aquilo que nunca vimos? Como póde todo este assombroso resultado ser produzido por uma Memória, pela mais mesquinha das Biografias, por alguém que viveu e deixou êste mundo ha dezenove séculos? Como poderão os homens modernos fazer hoje de Cristo, de Cristo ausente, o seu mais constante companheiro? Responderêmos que a amizade é uma coisa espiritual, independente da Matéria, do Espaço e do Tempo. O que eu amo no meu amigo não é aquilo que vejo; o que do meu amigo tem influência em mim, não é o seu corpo, mas o seu espírito. Teria sido verdadeiramente inefável ter vivido naquêle tempo!

Rompe suave e rósea a madrugada ...
Tinge-se o Céu de tons turqueza e oiro ...
E já o bom Jesus
Níveo, radiante e loiro,
Como um halo de luz,
Resurge ao longe na florída estrada ...

Ségue-O festiva e imensa multidão ...
Por onde passa, ajoelham, lançam flôres;
E em todos os caminhos
Se lhe juntam mulheres, velhos, pastores ...
Até crianças vão,
Quais tenros cordeirinhos,
Tocar-Lhe a túnica, beijar-Lhe a mão ...
Mas os apóstolos, com gesto rude,
Zelosos correm sobre os meninos
Para afastà-los e livrar Jesus ...
Porêem Ele implora-lhes numa attitude
Que ao mais cioso e pertinaz seduz:
«Deixai, oh! filhos meus,
Que até Mim venham os pequeninos!

Pois só dos inocentes
Como êstes doces entes
É o Reino dos Céus!
Para quê afastà-los ...
Se para obtermos a mansão de Deus
Só temos que imitá-los?»

Teria sido infável ter vivido naquê tempo! E todavia se Cristo tivesse de voltar ao mundo, poucos seriam os que teriam a probabilidade de O verem. Ha milhões de vassalos nêste pequeno país, que nunca viram o seu rei; e haveria milhões de vassalos de Cristo que se Ele aqui estivesse, nunca chegariam a poder falar-Lhe. A nossa intimidade com Ele é, como toda a verdadeira intimidade, uma comunhão espiritual. Toda a amizade, todo o amor, humano e divino, é puramente espiritual. Foi depois da sua Ressurreição que Ele teve maior influência, mesmo nos Seus discípulos; por isso não obsta verdadeiramente a reflectirmos o caráter de Cristo o não termos jámais estado com Ele em contacto visível.

Havia uma vez uma donzela, dotada de um caráter tão bondoso e perfeito, que era o enlevo de todos que a conheciam. Pendia-lhe do colo uma medalha de oiro, que ninguém tivera jámais a permissão de abrir. Um dia porém, num momento de insólita confiança, deixou que uma amiga sua tocasse na mola da medalha e viesse a conhecer o segrêdo que ela encerrava. Estavam lá escritas estas palavras—«a quem eu amo, não o tendo visto.» Era êste o segrêdo da sua bela vida. Tinha sido transformada na mesma Imagem!

Ora isto não é imitação, mas uma coisa muito mais profunda. A diferença no processo, bem como no resultado, pode ser tão grande, como a que existe entre a fotografia obtida pelo infalível lapis do sol e os cortornos rudes traçados pelo giz dum rapaz da escola! A imitação é mecânica, o reflexo orgânico; uma é ocasional, o outro habitual. Num caso, o homem aproxima-se de Deus e imita-O; no outro, aproxima-se Deus do homem e imprime-se nêle!

«Fazei de Cristo o vosso companheiro mais constante»—é o que isto para nós significa na prática. Permanecei mais sob a Sua

influência do que sob outra qualquer influência! Dez minutos passados todos os dias na Sua companhia, dois mesmo, se forem face a face e com o coração aberto, tornar-vos hão diferente o dia inteiro. Cada carácter tem a sua mola íntima; que seja Cristo essa mola! Cada acção tem uma nota tónica; que seja Cristo essa nota! Recebestes hoje uma certa carta, e immediatamente vos puzestes a escrever a resposta, que quasi incendiou o papel. Amontoastes nela os adjectivos mais crueis que sabieis, e enviastes essa carta, sem receio da obra desoladora que ela ia executar. Fizéste-lo, porque a vossa vida estava pósta em clave errada. Tinheis começado o dia com o espelho colocado em má posição. Amanhã, quando surgir o dia, voltai para Ele o vosso espelho, e todo o vosso aspecto mudará, até mesmo para o vosso inimigo. Seja o que fôr que fizerdes, haverá uma coisa que não poderíeis ter feito—escrever aquela carta. Pode o vosso primeiro impulso ser o mesmo, pode a vossa opinião ser identica, mas se tentardes escrevê-la, a tinta secar-se-vos ha na penna e ficareis sem vos vingardes; mas ficareis tambem maior, mais Cristão! Durante todo o dia prestarão as vossas acções, mesmo nas suas mais ínfimas minudências, homenagem àquela visão da manhã. Ontem, pensastes principalmente em vós; hoje, se encontrardes pobres, darlhes heis de comer. Os que forem desamparados, os que estiverem tristes, os que íam succumbir á tentação, reunir-se hão em volta de vós, e a todos acarinhareis. Onde estava toda esta gente ontem? Onde estão hoje, mas não os vieis; é á luz reflexa que se veem os desgraçados. A vossa alma não está hoje no logar habitual: *«estão visiveis as coisas que se não veem.»* Ha algumas horas que estais vivendo a Vida Eterna; pois a vida eterna, a vida da fé, é simplesmente a vida considerada mais elevadamente. A fé não é mais do que uma attitude, um espelho pôsto no logar devido.

Quando o dia terminar, e á noite vos puzerdes a examinà-lo, admirar-vos heis do que fizestes. Não dareis por terdes procurado, imitado ou sacrificado qualquer coisa, dareis por Cristo, dareis por Ele ter estado convôscos, por sem coacção terdes sido coagido, por a revolução se ter efectuado sem emprêgo de fôrça, sem ostentações, sem alarido. Não vos felicitareis de terdes feito alguma grande proeza, conseguido grande êxito pessoal, ou acumulado um

fundo de «experiência Cristã» para tornardes a obter o mesmo resultado; o que sabeis é que existe a «glória» do Senhor. E o mundo fica-o também sabendo, se o resultado fôr verdadeiro; porque a olharmos para um espelho, não é o espelho que vêmos, nem é nêle que pensamos, mas naquilo que êle reflecte. O espelho só chama a atenção sobre si, quando ha nêle algumas manchas.

Que isto é real, e não imaginário, que esta vida é possível aos homens, e que ha presentemente alguém que a viva, é simplesmente um facto biográfico. Dentre mil testemunhos não posso deixar de citar um. As palavras seguintes são duma das mais altas inteligências do século dezenove, dum homem que como poucos suportou o pêso dos encargos do seu país, e que, não no crepusculo da velhice, mas em todo o esplendor da sua glória, fez ao mundo a confissão que passo a citar com pouquissimas omissões.

*«Desejo esta noite falar um pouco, mas êsse pouco que desejo falar, é do sagrado nome de Cristo, que é a minha vida, a minha inspiração, a minha esperança e o meu apoio. Não posso deixar de me deter a olhar para o passado. E desejo dar testemunho, como se nunca o houvera feito, de que é, não só pela graça de Deus, mas pela graça de Deus manifestada em Jesus Cristo, que eu sou o que sou. Reconheço a sublimidade e a grandeza da revelação de Deus, como Eterno Pai de nós todos, como Aquêle que fez os Céus, que fundou a terra, e que olha por todas as tribus da terra, abrangendo-as na Sua universal misericórdia, mas é o Deus que Se manifesta em Jesus Cristo, que Se revela pela Sua vida, que Se dá a conhecer pelos Seus sentimentos, pelas Suas palavras, e pelos Seus actos, é êsse Deus que eu desejo confessar esta noite, e de quem desejo dizer: **“pelo amor de Deus em Jesus Cristo, eu sou o que sou.,,***

«Se me perguntardes precisamente o que quero dizer com isto, direi francamente, que mais do que a para mim valiosa influência de meu pai ou de minha mãe, mais do que a influência social de todos os membros da casa de meu pai, e, tanto quanto o posso dizer e sentir, mais do que todas as influências sociaes de todos os géneros, foi Cristo que formou e modelou o meu espírito. Os meus ideais ocultos do que é belo provieram-me de Cristo, bem como quasi todos os meus pensamentos do que é viril, nobre e puro. Ha muitos homens que se teem educado a si próprios lendo as Vidas de Plutarco, e pondo na sua frente um ou outro daqueles varões illustres que em diversas épocas adquiriram celebridade; e reconheceram que êsses homens célebres tiveram nêles verdadeiro poder. Eu por mim não tenho a consciência de qualquer poeta, filósofo, reformador, general, ou outro qualquer grande homem ter permanecido na minha imaginação e no meu pensamento como o puro e singelo Jesus Cristo. Ha mais de vinte e cinco anos que intuitivamente recorri a Cristo afim de obter a medida e a regra para todas as minhas acções. Todas as vezes que me tem sido necessário, tenho procurado—e por ultimo quasi espontâneamente—refugiar-me na Sua intimidade, e nos primeiros tempos via-O pela fôrça da imaginação, em frente de mim, a fixar-me, meigo e sereno. Parecia quasi deslizar da Sua face a influência que me indicava o verdadeiro meio de dominar a ira, de submeter o orgulho e de vencer o egoísmo; e foi de Jesus Cristo manifestado á minha concepção íntima, que eu hauri mais ideais, mais modêlos e mais influências, do que doutro qualquer caráter humano.»

«E ainda ha mais. Sinto que é de Jesus Cristo que tem emanado cada pensamento que me torna o Ceu em realidade e que me suavisa a estrada que ha entre mim e o Ceu. Todas as minhas concepções dos

progressos da graça na alma, todos os passos pelos quais a vida divina se desenvolve, todos os ideais que pairam por sobre a esfera bemaventurada que nos aguarda além da campa—tudo isto me tem sido transmitido do Salvador. A vida que agora vivo na carne, vivo-a também pela fé do Filho de Deus.»

«E ainda não é tudo. A pesar do meu futuro incluir todos êstes elementos que me vão fazer da vida terrena um conjunto deleitoso, o que o verão é, comparado com todos os seus produtos terrenos—flores, folhas e ervas—é Cristo, comparado com todos os Seus produtos no meu espírito e na minha alma. Todas as virentes flores e folhas da simpatia, todas as alegrias exuberantes que do meu coração de Cristão brotam presentemente e hão de ainda vicejar no futuro, são para mim o que as flores e as folhas do verão são comparadas com o sol que vivifica o verão. Cristo é o Alfa e o Omega, o princípio e o fim da minha vida mais elevada!»

«Quando leio a Bíblia, aproveito muito do Velho Testamento e das passagens do Novo Testamento devidas a S. Paulo, mas a pesar de tudo, sinto que para mim o fruto da Bíblia é Cristo. É por isso que a leio, por isso que a acho digna de ser lida. Tenho sentido verdadeira sede de ser amado de Cristo. Todos vós sabeis o que é ter sede de amor; o nosso coração não fica satisfeito enquanto não obtêm mais do ente estremecido. Tem havido ocasiões em que tenho tido uma sede inexprimível do amor de Cristo. Nunca é forte a minha percepção do pecado, quando penso na lei, mas é forte, quando penso no amor—se é que ha diferença entre lei e amor. Quando me aproximo de Jesus Cristo e desejo ardentemente ser amado, é que sinto mais vivamente a minha assimetria, a minha imperfeição e a minha carência absoluta de merecimentos e de virtudes. O caráter e o proceder

nunca se me representam tão claramente, como quando em silencio me curvo na presença de Cristo, revelada não em cólera, mas em amor, e nunca ambiciono tanto ser amável, para poder ser amado, como quando tenho presente esta revelação de Cristo.»

«Ao examinar aquilo que tenho experimentado, a parte da minha vida que mais me salienta, e de que me lembro com maior vivacidade, é exactamente aquela que de alguma fôrma tem andado ligada a Cristo. Tudo o mais é palido e frouxo, como que nuvens a encobrirem o horizonte! Doutrinas, sistemas, medidas, métodos, como quer que se chame a necessária parte mecânica e externa da adoração;—a parte que os sentidos reconhecem—tudo parece ter emurchecido e caído, como cáiem as folhas quando o verão findou; mas a parte que me ligou poderosamente a Cristo, essa permanecerá.»

Pode alguém ouvir esta música, com a impressionante repetição do nome de Cristo, e ficar insensível á emulação, ou ao desejo de o imitar? E antes de vivermos assim, ainda não tínhamos vivido.

A primeira experiência

Reduzis então a religião a uma amizade vulgar? Amizade vulgar? Quem fala em amizade *vulgar*? É coisa que não existe. Não ha no mundo palavra mais sublime. A amizade é a coisa mais próxima da religião que nós conhecemos. Deus é amor. E pôr a religião a par da amizade é simplesmente dar-lhe a mais alta expressão que o homem pode conceber. Mas se pôr dúvidas a uma «amizade vulgar» representa um protesto contra o falar-se em termos ininteligíveis da coisa maior e mais santa que ha em religião, então receio que a objecção seja bem real. Os homens estão sempre á procura de mistério quando se fala em santificação, dalgum mistério diferente daquêle que será sempre misterioso em toda a parte em que o Espírito opére. Imaginam que ha de haver algum segrêdo, alguma experiência oculta que só os iniciados conhecem, e milhares de pessoas vão todos os Domingos á Egreja, na esperança de resolverem êsse mistério. Em reuniões de fieis e em conferências religiosas julgaram muitas vezes estarem prestes a atingí-lo, mas depois nada mais lhes foi revelado. Ao meditarem sobre livros religiosos, quantas vezes não teriam estado á beira dêsse mistério, se acaso tivessem lido mais um parágrafo! Talvez que a pagina seguinte, que a frase seguinte lhes descobrisse tudo, e seriam dali por diante levados por uma alta e poderosa corrente! Mas nada disso sucedeu. Foram lidas a frase seguinte e a página seguinte, e nada lhes foi revelado; e muito embora alimentassem sempre a esperança de verem realizado êsse seu aneio, encontrou-os o capítulo final na mesma expectativa. Porque é que nada sucedeu? Porque nada havia para suceder, nada que fosse do género daquilo que êles estavam esperando. Quando é que havemos de saber, que o nosso desejo de santidade é simplesmente o desejo de sermos semelhantes a Cristo? Quando haverêmos de substituir o aspirar fictício pelo aproximarmo-nos do Amigo Vivo? A santidade está no caráter e não na mais ou menos caprichosa disposição do espírito; e

a divindade, no nosso próprio calmo temperamento humano, e não em arrebatamentos místicos da alma!

E contudo há pessoas que por uma razão absolutamente oposta encontram nisto pouca satisfação. Não se queixam de simplificarmos a religião demasiadamente, pondo-a ao nível da amizade, mas queixam-se ainda de ela ser excessivamente mística. «Permanecer» em Cristo para «fazer de Cristo o nosso mais constante companheiro», é para eles o mais puro misticismo; precisam de alguma coisa absolutamente tangível e absolutamente directa. Não são as almas poéticas que procuram um sinal, um misticismo exagerado, mas as naturezas prosaicas, cuja necessidade de compreensão tem de ser satisfeita por minuciosas e matemáticas definições. Talvez porêem que não seja possível reduzir este problema a elementos muito mais positivos. A beleza da amizade está no seu infinito, e nunca se poderá libertar a vida inteiramente de misticismo: o nosso lar, o amor, a religião tudo está d'ele impregnado. Porque é que nas relações do homem para com Jesus Cristo havemos de tropeçar no que é natural nas relações de homem para homem?

Se houver alguém que não possa conceber ou realizar o laço místico que nos prende a Cristo, o melhor que terêmos a fazer, será ajudá-lo por meio de analogias ainda mais evidentes tiradas da vida ordinária, a obter essa concepção. Como conhecemos nós Shakspeare ou Dante? Comunicando com as suas palavras e com os seus pensamentos. Há muitas pessoas que conhecem Dante melhor do que conhecem os seus próprios pais; tem nêles maior influência, por o sentirem mais próximo como presença espiritual, e por como força espiritual o realizarem melhor. Haverá alguma razão porque alguém, maior do que Shakspeare e do que Dante, que passou por este mundo, que nos deixou grandes doutrinas e que por toda a parte tem hoje grandes obras, não haja de instruir, de inspirar e de formar os caracteres dos homens? E não limito a isto a Sua influência; é isto, e ainda mais. Jesus Cristo, longe de repudiar ou mesmo de entibiar estas relações de Amizade, foi O Próprio que no-las propoz. «*Permanecei em Mim*» quasi que foram as Suas derradeiras palavras ao mundo. E querendo dalgum modo aplanar a

dificuldade dos que sentiam quanto isso era intangível, acrescentou a essas Suas palavras uma conclusão que as elucidasse: «*se permanecerdes em Mim, as Minhas palavras permanecerão em vós.*»

Começai pelas Suas palavras. As palavras não podem por muito tempo conservar-se impessoais. O próprio Jesus Cristo foi uma palavra, «*um Verbo feito Carne.*» Tornai as suas palavras Carne, fazei-as, vivei-as, e vivereis em Cristo. «*Aquelle que guardar os Meus mandamentos é que Me ama.*» Obedecei-Lhe e haveis de O amar. Permanecei junto de Ele e haveis de Lhe obedecer. *Cultivai* a Sua amizade. Vivei segundo Cristo, no Seu Espírito, assim como na sua Presença, e será difícil pensar que mais haveis de fazer! Tomai isto pelo menos como iniciamento e introdução; e se não puderdes sentir a influência da Sua vida sobre a vossa, procurai-a também indirectamente. «*Toda a terra está cheia do carácter do Senhor.*» Cristo é a Luz do mundo e grande parte dessa Luz é reflectida das coisas do mundo, até das nuvens. A luz do sol fica depositada em cada folha e da folha transmite-se ao carvão, que, quando os dias são frígidos, e o sol se não enxerga, nos vem reconfortar. Cristo brilha atravez dos homens, atravez dos livros, atravez da historia, atravez da natureza, da música e da arte! Procurai-o aí. Todos os dias deveríamos ver um belo quadro, ouvir bela música, ou ler um belo poema. O verdadeiro perigo do misticismo é não o alargarmos bastante.

Não imagineis que nada sucede por vos não verdes progredir, ou por não ouvirdes o ruído do maquinismo a trabalhar. Todas as grandes coisas se desenvolvem silenciosamente! Poderêmos ver crescer um caracol, mas nunca uma criança. Darwin diz que a Evolução procede por «*numerosas, succesivas e ligeiras modificações.*» S. Paulo sabia isso e pô-lo na sua fórmula; o que empregou foram palavras mais belas. Disse, para consolação de todas as almas que lentamente se aperfeiçoam, que elas se transformavam «*de claridade em claridade*» isto é, de carácter em carácter. «*O homem interno,*» diz êle noutra parte, «*é renovado de dia para dia.*» Todo o trabalho perfeito é vagaroso; todo o verdadeiro desenvolvimento se efectua por meio de pequenissimas e

insensíveis metamorfoses. Quanto mais elevada fôr a estrutura, tanto mais demorado será o progresso! Quando o biologista percorre com o olhar a longa Escala dos Sêres vê as fórmulas rudimentares dos animaes desenvolverem-se numa hora; os que se seguem a êstes alcançam pleno desenvolvimento num dia; os que lhes ficam acima levam semanas e mêses a aperfeiçoarem-se; mas os poucos que se elevam acima de todos êstes, exigem o labor de longos anos. Se uma criança e um símio nascerem no mesmo dia, o segundo estará em plena posse das suas faculdades e fazendo o trabalho activo da vida antes de a criança ter deixado o berço. A vida é o berço da eternidade! Assim como está o homem para com o animal no lento progredir da sua evolução, assim está o homem ideal para com o homem espiritualmente inculto. Teem de ser feitos com segurança os alicerces que hão de sustentar o pêso da vida eterna. O carácter tem de ser para todo o sempre; como nos havemos de admirar se êle se não pudér desenvolver num dia?

Esperar que uma alma cresça e se desenvolva, é um acto quasi divino de fé. Quão perdoável será a impaciência da própria imperfeição, a impaciência do carácter, que na presença de Cristo, se vê repelente, se vê desprezível, a admirar, a desejar, a cubiçar ardentemente ser assim! Contudo devemos confiar no processo sem receios e sem dúvidas: «o Espírito do Senhor» fará aquilo que lhe estiver incumbido. O expediente que em busca do progresso repentino ou visível mais nos seduz, é tentarmos algum meio menos espiritual, ou impedirmos o resultado, pondo-nos á espera dos efeitos, em vez de conservarmos o olhar fito na Causa. O fotógrafo imprime da negativa só durante o tempo em que ela está exposta ao sol. Mas quando êle se põe a ver como o trabalho se faz, impede simplesmente o trabalho de se fazer. Seja qual fôr a prudente vigilancia de que a alma necessite, nunca ela poderá estar exposta demais, e estando exposta, não haverá nada no mundo que possa melhorar ou abreviar o resultado que ela tem de obter. A criação dum coração novo, a renovação dum espírito íntegro, é uma obra onnipotente de Deus; deixai-a ao Criador. *«Aquelle que começou em vós uma boa obra aperfeiçoá-la-ha até esse dia.»*

Mas não ha ente algum, que sentindo o valor e a sublimidade daquilo que para êle é da maior magnitude, fique inerte e descure o seu próprio progresso. Tornar-mo-nos como Cristo é a única coisa no mundo digna dos nossos desvélos; a única coisa diante da qual toda a ambição humana é loucura, e vão, todo o esforço menos digno! Só aquêles que fazem desta aspiração o suprêmo desejo e paixão das suas vidas, é que podem começar a esperar alcançá-la. Se por isso tem até agora parecido tudo depender da passividade, permiti-me que assevere com mais ardente convicção que tudo depende da actividade. A religião da adoração sem esforço pode ser religião para anjos, mas não para homens. Não é a contemplar mas a agir, que ha a verdadeira esperança; não é em extases, mas na realidade, que existe a verdadeira vida; não é no reino dos ideais, mas entre as coisas tangíveis, que está a santificação do homem! A resolução, o esforço, a luta, a mortificação e a agonia—tudo coisas já póstas de parte, como futeis em si, teem que voltar ao seu campo de acção e que arcar com responsabilidade dez vezes maior. De que estão elas encarregadas? Nem mais nem menos do que de fazer mover a grande inércia da alma, que elas teem de colocar e manter onde as fôrças espirituais hão de vir influenciá-la! Teem que reunir as fôrças da vontade; que conservar brilhante a superficie do espelho, e sustentá-lo sempre firme; e teem que descobrir a face que ha de olhar para o Senhor, repuxando-lhe para baixo o véu, quando se aproximar o que fôr profano. Talvez que já fosseis com um astrónomo vê-lo fotografar o espectro duma estrêla? Ao penetrardes na obscura quadra do Observatório víste-lo começar por acender uma vela. Para vêr a estrêla? Não; para ver o instrumento que vai dispôr, para por êle ver a estrêla. Era a estrêla que ia tirar a fotografia, mas era tambem o astrónomo, que por muito tempo levou a trabalhar na escuridão, aparafusando tubos, lustrando lentes, e dispondo reflectores, e que só depois de grande trabalho conseguiu que o instrumento perfeitamente focado começasse a funcionar. Então apagou a luz, e deixou a estrêla a fazer na chapa o seu trabalho, sósinha. A tarefa diaria do Cristão é fazer com que tambem o seu instrumento funcione; conseguido isso, pode apagar a sua vela. Todas as evidências do Cristianismo que o levaram até ali, todo o auxílio da Fé, todos os actos da Adoração,

todas as fôrças poderosas da Igreja, toda a Oração e Meditação, toda a cooperação da Vontade, tudo processos de menor valor, actividades da fôrça da vela, podem nessa hora suprema ser póstas de parte; mas lembrai-vos de que é só por uma hora! Bem avisado andará aquêlê, que mais depressa acender a sua vela, ou aquêlê, que nem mesmo a deixar apagar. Amanhã, daqui a um instante, pode êle, pobre alma obscurecida, maculada, precisar dela outra vez para melhor focar a Imagem, para tirar qualquer argueiro que haja na lente, para lustrar o espelho que o hálito do mundo possa ter embaciado!

Não é por causa da estrêla que carecemos de fazer qualquer modificação, pois ela é sempre um grande ponto fixo nêste universo incerto, mas *o mundo move-se*: cada dia, cada hora exige outro movimento, outra adaptação para a alma. O telescópio no Observatório vai pelo cronómetro seguindo a estrêla; o cronómetro da nossa alma é a *Vontade*. Por isso, enquanto a alma em passividade reflecte a Imagem de Cristo, a Vontade em intensa actividade mantêm o espelho firme para que qualquer movimento do mundo o não arraste para além da linha da visão. «Seguir Cristo» é manter a alma tão firme que já se dê o desconto ao movimento da terra; e esta propositada contra acção dos movimentos dum mundo, êste conservar o espelho bem em frente daquilo que êle reflecte, êste segurar todas as faculdades atravez de tempestades, terremotos, fogo e espada, é a estupenda colaboração da Vontade! É tudo obra de Cristo. É tudo obra do homem. Em prática são ambas; e em teoria também. Mas o homem sensato dirá na prática: *«de mim é que depende.»*

Ha num museu de Belas Artes em Paris uma estátua célebre. Foi a última obra dum grande génio, que como muitos outros génios era pobríssimo e vivia numa humilde mansarda, que lhe servia de casa de trabalho e de quarto de dormir. Quando a estátua estava concluída, caiu uma noite sobre Paris uma grande geada. No quarto mísero e frio jazia acordado no seu leito o pobre escultor, a pensar na argila ainda húmida da sua estátua, a pensar que a agua iria gelar-lhe nos póros, e destruir numa hora o sonho de toda a sua vida! Então o ancião ergueu-se, e tirando as roupas do próprio leito

foi com elas devotamente envolver a sua obra. De manhã, quando os vizinhos lhe entraram no quarto,—o escultor estava morto. Mas a estátua vivia!

A Imagem de Cristo que se está formando dentro de nós—é o supremo encargo da nossa vida; que êsse encargo se anteponha a todos os outros projectos nossos! Enquanto essa Imagem não estiver perfeita, não haverá obra humana que esteja terminada, religião que esteja glorificada, fim da vida que esteja preenchido! Já começou essa tarefa infinita? Quando, como, havemos de ser diferentes? O tempo não muda os homens. A morte também não. Mas Cristo muda-os.

Tornai-vos então *semelhantes* a Cristo!

FIM

INDICE

	PAG.
Prefácio	7
A mudança que é possível na vida	9
A formula da Santificação	17
A alquimía da Influência	30
A primeira experiência	51

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A MUDANÇA
QUE É POSSIVEL NA VIDA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.